

Movimento

NATÁLIA BORGES POLESSO*

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil

Antes da epilepsia, acho que eu era uma criança normal. Brincava, era sociável, gostava de desenhar e me exibir com folhas coloridas e dobraduras malfeitas para tios e tias, gostava de dançar, de cantar e, principalmente, de conversar com os adultos. Eu era bem ativa e é provável que todas as minhas cicatrizes tenham sido adquiridas durante a minha infância. Depois de um tempo, a infância se torna essa grande memória aquosa de onde emergem ou aonde afundamos histórias. Lembro-me de quando peguei catapora (cicatriz na testa), do braço quebrado ao descer o morro gramado do hospital com papelão (cicatriz no cotovelo), da goiabeira em que subíamos nos fins de tarde (cicatriz no supercílio), da máquina de fazer macarrão da minha vó (cicatriz no dedo), do toco de raiz no meio da nossa corrida (cicatriz no peito do pé direito), da bicicleta cromada do meu vizinho Alexandre (cicatriz na canela; cicatriz por dentro). Engraçado como se encadeiam os grupos de memórias, se eu pudesse etiquetá-las pra acessar mais tarde, esse grupo seria movimento.

Eu devia ter uns 13, 14 anos, não lembro bem. O Alexandre e eu costumávamos fazer corridas de bicicleta no matagal na frente de casa. Não era um matagal apenas. Nós tínhamos transformado aquilo numa pista de bicicross. Levou mais de um mês inteiro até terminarmos. Trabalho intenso depois da escola. Um mês de deveres de casa esquecidos ou feitos às pressas, mas ficou espetacular. Enquanto a construíamos, planejávamos todos os saltos possíveis e fazíamos cálculos de velocidade para que as curvas não nos derrubassem. Construimos tudo com barro, galhos, pedras e um pouco de cascalho e tijolos roubados da construção do prédio da esquina. Ninguém ia notar. Foi naquela época que nós dois ganhamos walkmans, aqueles amarelos, que vendiam nos camelôs. O pai de um dos caras da rua era sacoleiro. Ia direto para o Paraguai e trazia um monte de porcarias as quais nós amávamos bisbilhotar e sonhávamos ter em nossas prateleiras. O homem fazia de tudo para vender as quinquilharias aos nossos pais, inclusive nos deixava levar para casa e “testar”. Depois não aceitava devoluções.

* Mestre em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutora em Letras – Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realiza pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade de Caxias do Sul (UCS). <nbpoless@gmail.com>

Primeiro o Alexandre apareceu com o walkman e me disse que ainda tinha um. Quando fui pedir a minha mãe, ela já tinha comprado.

– Eu sabia que tu ia querer um. Te vi de olho no do filho da Juçara, e como teu aniversário já está aí, peguei lá na banca do Rubem.

– O nome dele é Alexandre, mãe.

– Quem?

– O filho da Juçara. E ele é meu amigo, tu podia chamar ele pelo nome.

– Tudo igual. Teus amigos da rua. Aliás, não acha que tá na idade de parar de se embarrar no mato, Maria Fernanda?

– Adorei, mãe. Obrigada.

Dei um beijo nela e sorri. O Davi, nosso amigo que odiava bicicleta, mas que adorava dar palpíte, disse que a pista tinha ficado curta demais e que o final tinha ficado perigoso por causa dos cascalhos. A gente revidou dizendo que ele não entendia nada de bicicleta e que aquilo era justamente para desacelerar. Sacamos os nossos walkmans para encerrar o assunto e para fazer um pouco de vontade nele. Funcionou. O Davi ficou meio irritado e disse que ia pedir para o tio dele trazer um walkman dos *States* para ele.

– Não compro essas porcarias do Paraguai. Estragam deveras rápido. Quero ver quando isso aí mascar uma fita de vocês.

O walkman dos *States* nunca chegou. E no mês seguinte, estávamos os três com walkmans amarelos. Deve ter comprado em outro camelô. Ou numa remessa nova na banca do Rubem.

Eu tinha uma fita do Pet Shop Boys e uma do New Order, o Alexandre tinha Pantera e Gabriel, o pensador. O Davi tinha tudo isso e mais um pouco. E seguido pegávamos as fitas dele emprestadas por longos períodos de tempo. Quem

comprasse lá na banca do Rubem tinha direito a escolher duas fitas, minha mãe disse que teria pegado Madonna, mas só havia esses “outros conjuntos internacionais” que ela não conhecia, então pegou pela capa. Eu não conhecia nenhum dos dois, mas acabei gostando. Era *Movement*, acho que aquela fita era tão legítima quanto meu walkman, mas não importava. Consegui algumas outras gravações depois. O Davi tinha em casa um aparelho de CD e nós fizemos a nossa própria gravadora de fitas cassetes, com cópia das capas dos álbuns desenhadas de lápis colorido e alguma canetinha falhada de contorno. Enchíamos o saco do cara da loja que alugava CDs para que ele comprasse o que queríamos e depois pirateávamos tudo: Guns, Joy Division, Sex Pistols, The Cranberries, The Smiths, Titãs.

Eu gostava de música, fazia uma aula de violão por semana, na qual a professora-sem-vontade me ensinava, todos os dias, a tocar Cai cai, balão – sol sol fá mi sol sol fá mi sol lá sol fá mi ré e depois eu me perdia completamente. Eu era muito ruim mesmo, acho que ela devia ficar entediada de me ouvir fazendo aqueles cortes brutos e atonais. Carmem era o nome dela. Era esquisita. Lembro dela com blusas azuis de mangas bufantes, um cabelo estilo Bonnie Tyler e sombras extravagantes nas pálpebras. Essa mesma professora era a regente do coro municipal infanto-juvenil e, incrivelmente, ela parecia outra pessoa quando nos ensinava a cantar. Daquilo ela gostava.

Todo sábado de manhã, eu pegava a minha bicicleta, encontrava a Joana na metade do caminho, e íamos até o ginásio municipal para o ensaio. Engraçado é que nós nunca nos apresentamos. A Joana tinha pânico de palco e eu não tinha ritmo

nenhum, então, toda vez que a professora mencionava uma apresentação, nós inventávamos mil desculpas como uma gripe fortíssima, um parente hospitalizado, falta de dinheiro, pais que não deixavam, viagem marcada, ou simplesmente não aparecíamos na data combinada. A Joana completava o nosso quarteto adolescente, mas depois eu falo sobre ela.

No dia em que o Alexandre e eu terminamos a pista, ficamos elétricos. E antes de, de fato, fazer a primeira volta, nós conversamos sobre todas as possibilidades que ela oferecia. O salto, a viradinha do pneu, o cuidado com a derrapagem depois do quebra-molas triplo, caso realmente pulássemos os três montes, a possibilidade de um salto sem as mãos ou cruzando os braços e, na reta final, eram muitas ideias na nossa cabeça adolescente. Chamamos nossos amigos e os vizinhos menores para assistir. Todos sentaram perto da goiabeira. Era o melhor lugar, porque era elevado e permitia uma visão completa da pista. Combinamos de dar uma volta de apresentação antes de partirmos. O Davi era o rei da oratória e pediu para fazer o cerimonial das apresentações.

– Acomodem-se todos que vamos entabular o espetáculo. Depois de numerosas semanas de árdua labuta e planejamento... planejamento inextricável.

Todos se olharam. Ninguém sabia o significado daquela palavra, nem o Davi, mas ele curtia usar “um vasto léxico”, como dizia. Tinha a mania de ler aleatoriamente uma página do dicionário por dia, e marcava para não esquecer. Dizia que se aprendesse ao menos uma palavra por página, em pouco tempo teria um vocabulário “diluviano”. Por isso, mais tarde, foi fazer jornalismo, acho, para poder usar todas as palavras que aprendeu.

E continuou. Os menores começaram a se dispersar e já olhavam para o outro lado da rua onde uns cachorros se juntavam para comer dos sacos de lixo.

– Calem a boca, pré-púberes, e prestem atenção. Estamos finalmente inaugurando a Pista da Goiabeira. E sem delongas, apresento agora nossos estimados primeiros pedalantes. De bermuda jeans verde e camiseta branca, temos Nanda- pernas-de-rã! – todos riram e aplaudiram – e de bermudão xadrez e camiseta do Pantera *Vulgar Display of Power* – e mandou ver no sotaque americano do cursinho – Alexandre-o-tocha!

– Primeiro as damas – disse o Alexandre, querendo ser gentil, mas aquilo me irritou um pouco, porque durante a construção da pista, eu não tinha sido dama, eu tinha sido peão. Nós dois carregamos terra, roubamos os tijolos. Eu trouxe quatro de uma vez só no último assalto. Peguei a bike irritada.

Segui pela pista com alguma coisa entre meus dentes, talvez um *vai tomar no cu*. Coloquei os fones e fiz minha volta de apresentação, apenas passando lentamente pelos obstáculos e reparando a precisão com que tínhamos aplanado a terra. Depois, entreguei a bicicleta para ele e ele fez a mesma coisa, uma volta lenta e escrupulosa. Eu tinha uma bicicleta, mas não era nem cromada, nem de cross. Era uma monarque brisa com cestinha e flores que eu achava ridícula, mas que serviam ao propósito de uma bicicleta de menina. Então, para nossa pista de barro, dividíamos a bicicleta dele.

Quando o Alexandre terminou a volta de apresentação, o filho da mãe seguiu direto e já começou a fazer a volta de manobras. O *vai tomar no cu* que eu tinha guardado para ele entredentes desceu arranhando a minha garganta.

No salto do primeiro monte, ele inclinou tanto a bicicleta que ficou quase deitado, paralelo ao chão. Foi perfeito. No segundo, tirou as mãos do guidão, tomou velocidade na curva semi-vertical que tentamos fazer, quase num *wall ride*, só não foi um, porque falhamos na construção, e saltou o quebra-molas triplo. No último montinho se preparou para a manobra final, mas o pé escorregou do pedal e ele não conseguiu finalizar. Apenas deu meio cavalinho de pau e me passou a bicicleta em meio a gritos e aplausos dos menores. Tinha sido uma volta quase perfeita. Quase. Eu tinha uma chance. De repente toda a amizade que botamos na construção da pista, tinha sido soterrada por competitividade. E eu nem sei se o Alexandre sentia a mesma coisa. Só sei que minha cabeça formigava e que eu precisava fazer a melhor volta.

Silêncio. Coloquei o pé no pedal e deixei o outro no chão, enquanto analisava a pista, refazendo na memória a volta do Alexandre. Prendi bem o walkman no passador do cinto, enfiei os fones. Guitarras e bateria. Comecei a mexer minha cabeça para cima e para baixo até que *a simple movement or rhyme could be the smallest of signs we'll never know what they are or care in its escapable view there's no escape so few in fear*. Pedalei. No primeiro monte, eu dei um salto perfeito, tão inclinado quanto o do Alexandre. No segundo, mais um. Nossa dúvida era sempre esta: o tempo entre um monte e outro, e que manobras poderíamos fazer. Tomei velocidade na curva semi-vertical e saltei o quebra-molas triplo, tirando os pés dos pedais e erguendo para o lado, a pista escorria por baixo das rodas. Os vizinhos menores estavam todos em pé, boquiabertos. Alguns pisavam seus bonés, sem perceber, de tão incrédulos. Davi tinha interrompido a narração para

gritar um puta que pariu. Encarei o último montinho, me preparei para a última manobra. Perfeita. *No looking back now we're pushing through* inclinei para a esquerda. Pedalei em direção ao cascalho com a boca rasgada num sorriso. O Alexandre também comemorava a minha volta perfeita. Aquilo me incomodou um pouco. Vi a Joana acenar do montinho de cascalho. Eu vinha rápido demais. No meio do cavalinho de pau, o pneu virou um pouco a mais e o guidão girou numa pedra solta. *We'll change these feelings, we'll taste and see*. Voei por cima da bicicleta e caí meio de cara, meio em cima do braço, vi a bicicleta vindo por cima de mim, o quadro cromado bem na minha cabeça, que quicou mais uma vez nas pedras, entre meus dedos, vi o walkman arrebentar, eu ralando a cara no chão, e tudo ficou escuro. Falas nebulosas e pedacinhos amarelos por todos os lados. Escuro. A fita enrolando e *Truth*, numa voz bêbada e distante. *Oh it's a strange day in such a lonely way maçaroca and people around me maçaroca ainda and the noise that surrounds me... such a strange day* morrente. Escuro. Os fones no chão e meus ouvidos desprotegidos das risadas. Escuro. Abri os olhos e ergui a cabeça e todos estavam dobrados sobre suas barrigas. Minha volta tinha sido perfeita, mas completamente invalidada por causa daquele tombo ridículo. O Davi batia nas costas do Alexandre, entre rindo e tentando falar alguma coisa e a Joana, que tinha recém-chegado, fazia menção de se erguer. Fui mais rápida.

– Tomar no cu!

Levantei e fui pra casa. Deixei a bicicleta toda dobrada no meio da rua. Fiquei ouvindo as risadas ao longe e a Joana me chamando. Não olhei para trás. Cheguei em casa e escondi o walkman ou

o que tinha sobrado dele. Anotei no meu diário *melhor volta - A = fdp*. Minha mãe saía do banheiro colocando os brincos.

– Por que tu não está pronta ainda? Me encheu o saco pra ir nesse troço e agora tá aí parecendo uma ruêra. Toda suja.

– Tava andando de bici, mãe.

– E o que é isso? Tu te machucou? O que é isso na tua testa? É sangue, minha filha? Olha essa canela, Maria Fernanda! Tá ensanguentada!

– Não é nada, mãe. Bati numa árvore. Vou tomar banho.

– Numa árvore? Bateu numa árvore? Parece que a árvore bateu em ti, hein?

Eu tinha esquecido. A professora do coro tinha distribuído ingressos para um concerto da OSPA. Eu nunca tinha visto uma orquestra e queria muito ver. Tomei banho meio zonza e limpei bem a cabeça e o braço, que doía pra caramba. Limpei a canela também. Tinha um corte meio feio. Passei um troço ardido no machucado e mordi a toalha para não berrar nem criar caso com a minha mãe. Fiquei um tempo olhando pra parede, pensei que fosse vomitar. Deitei no tapetinho do banheiro e fechei os olhos. Percebi que o chuveiro ainda estava ligado. Levantei. Desliguei. Camiseta, short, cabelo penteado e gritei que estava pronta. Minha mãe me olhou como se eu não tivesse jeito mesmo.

– Nem um brinco, filha? Um anelzinho? Aquele que a vó te deu? A correntinha quem sabe?

Voltei para o quarto e coloquei a correntinha que eu amava. Era meio que um amuleto. Peguei o anel com a primeira letra do meu nome em brilhante. Forcei para o dedo entrar. Ficou muito apertado. Tentei tirar, mas não saiu. Meus dedos estavam inchados e esverdeados, não dei bola. Não sei o que me deu, simplesmente

ignorei a dor e fui ao concerto meio que por inércia.

O concerto era ao ar livre e a noite estava muito limpa e fresca. Primeiro movimento. *Allegro ma non troppo*. Eu já sentia que alguma coisa aconteceria. *Molto vivace*. Meu estômago. Na metade do segundo movimento, eu vomitei ao lado da cadeira. Minha mãe arregalou os olhos e eu fiquei com muita vergonha. A senhora que estava do meu lado demorou um pouco para entender o que acontecia, mas quando se deu conta, levantou assustada.

– Senhora? Acho que sua filha não está bem.

– Mãe, não tô me sentindo bem.

Minha mãe levantou a minha franja para ver se eu tinha febre e descobriu um calombo roxo-esverdeado na minha testa.

– O que é isso?

– Eu caí de bicicleta. Meu braço tá doendo.

Vomitei de novo, nos sapatos da minha mãe. Ela olhou meu braço inchado e os dedos esverdeados e, sem muitas perguntas e explicações, fomos dali para o hospital.

Raio X e consulta depois, ali estava eu com um braço e dois dedos quebrados, uma possível concussão cerebral e um anel porcaria quebrado. Eu não me lembrava de metade das coisas que tinham acontecido. Lembrava da bicicleta, de ter erguido a bicicleta, de ter recolhido os restos do walkman e de ter mandado a galera tomar no cu. Depois, me lembrava do banho, e da minha preocupação em ir ao concerto, e de esconder o tombo e o walkman dos olhos da minha mãe.

– Não a deixe dormir hoje. Ela precisa ficar em observação. Pode passar a noite no hospital, se preferir, mas não acho necessário.

– Obrigada, doutor.

– O anti-inflamatório e o analgésico podem ser de 6 em 6 horas. – olhou para mim – te cuida, menina!

Eu agradei com a cabeça e com os olhos chorosos encarei minha mãe, me sentindo culpada. Eu sabia que ela me xingaria e me proibiria de andar na pista nova. O pior viria quando ela descobrisse que o walkman tinha se espatifado.

Eu não dormi, mas não foi porque precisava ficar acordada, foi porque não conseguia. Cheguei em casa e a minha cabeça doía. Eu tinha tomado remédio pra dor na veia. Estava grogue. Entrei no banheiro para lavar o rosto, eu estava suando. Voltei pra cama e deitei. Senti um zumbido estranho nos ouvidos. As cortinas do meu quarto perdiam a forma e, conforme eu ia fechando os olhos, elas se tornavam os vultos do médico e da minha mãe. Por algum tempo, achei que estivesse de volta no hospital. Me deu um pouco de medo, parecia que eu estava perdendo o controle das coisas. Pensamento qualquer sobre o gesso do meu braço atravessava minha cabeça e meus olhos atravessavam-no junto, chegando na minha pele, das coisas de que

era feita, da secura, do mofo. A música mastigada na fita *it's a strange day and people around me* o mofo e uma colônia de culturas, eu era 80 por cento bactérias, ouvi a voz da professora na aula de ciência, eu era o chão, ânsia de vômito, estava feliz com todas as coisas animadas e inanimadas da face da terra, que era mesmo um planeta fascinante girando sobre um vasto nada cheio de outros planetas, estrelas e sujeira, no fim éramos todos e tudo *the noise that surrounds* o vômito de Deus, girando em direção a um ralo existencial, buraco negro ao contrário, éramos um grande nada girando no tudo, o movimento incessante de cada célula reproduzido *ad infinitum* por todas as galáxias o mesmo movimento que ia e vinha do meu estômago pulsando energia cósmica, *such a strange day* uma descarga de mundo na minha cabeça. Trinquei os dentes, meus olhos rolando para trás das órbitas do meu planeta pessoal, os braços contraídos *oh it's a strange day* minhas pernas, animais nervosos, e eu era apenas movimento.

Recebido: 9 de maio de 2017.
Aceite: 15 julho de 2017.